

ANTONIO CANDIDO E O PIONEIRISMO NA CRÍTICA ROSIANA

ANTONIO CANDIDO'S PIONEERING ON THE CRITICS OF GUIMARÃES ROSA

MARIA CÉLIA LEONEL¹

RESUMO: Propomos demonstrar que as principais possibilidades de abordagem da obra de Guimarães Rosa foram, pioneiramente, traçadas ou levantadas por Antonio Candido. Para tanto, tomamos como base dois textos seminais sobre *Grande sertão: veredas*: “O homem dos avessos” e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. Nesses e em outros ensaios e resenhas, o crítico traz as ideias que têm balizado os estudos sobre Guimarães Rosa. Embora Antonio Candido seja considerado como o fundador da vertente crítica sócio-histórica da obra do escritor mineiro, consideramos que outras abordagens como a metafísica, a mítica, a linguística, a psicanalítica têm também seu nascedouro nos seus textos.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Candido, crítica rosiana, pioneirismo.

ABSTRACT: We propose to demonstrate that the main possibilities of approach concerning the work of Guimarães Rosa have been outlined and addressed firstly by Antonio Candido. For this purpose, we use two seminal texts about *Grande sertão: veredas* as basis: “O homem dos avessos” and “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”. On these and other essays and reviews, the critic brings up ideas that have been marked the studies regarding Guimarães Rosa. Although Antonio Candido is considered the founder of the social-historic treatment of this author’s work, we think that others perspectives, such as the metaphysical, the mythic, the linguistic and the psychoanalytic ones, came into being on Candido’s essays.

KEYWORDS: Antonio Candido, Guimarães Rosas’s critics, pioneering.

1 Professora Titular da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara.

Antonio Candido e a representação do país em Guimarães Rosa

Antes de tratar diretamente do papel de Antonio Candido na crítica da obra de Guimarães Rosa, cabe evocar a postura humanista de ambos, bastante conhecida pelos escritos de um e outro. Todavia, se tomarmos a relação de cada um com a militância política, poderemos considerar que são intelectuais quase antagônicos, como demonstram a conhecida atividade do crítico nesse campo e o afastamento do autor de *Sagarana* relativamente a esse tipo de atitude. Ocorrência exemplar de tal comportamento deu-se no Congresso de Escritores Latino-americanos, realizado em Gênova, em 1965: quando os escritores “debatiam sobre [...] o compromisso político do escritor”, Rosa abandonou a sala. É o que afirma Günter Lorenz (ROSA, 1973, p. 318) na célebre entrevista concedida pelo escritor, acrescentando: “podia-se deduzir que o tema em questão não era do seu agrado”. Guimarães Rosa concorda com o entrevistador, mas diz que não foi um ato de protesto e assegura: “creio [...] que [o escritor] não deveria se ocupar de política; não desta forma de política. Sua missão é muito mais importante: é o próprio homem.” (ROSA, 1973, p. 318). A diferença entre eles, portanto, está apenas no modo de considerar o engajamento político, pois Candido tem, também, o homem como preocupação fundamental.

Porém, por mau entendimento da produção rosiana, alguns estudiosos criticaram o escritor por acreditarem que, no que se refere à perspectiva histórico-social e política, o país não é representado em seus livros. Fato é que – e não apenas em *Grande sertão: veredas* – a lucidez humanista de Guimarães ensejou uma representação histórica exemplar das nossas mazelas sociais e políticas. Tanto é assim que alguns apreciadores de sua obra o consideraram como um dos intérpretes do Brasil ao lado de Oliveira Vianna, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Gilberto Freyre (LEONEL; SEGATTO, 2014, p. 75).

Candido, por ser o crítico que primeiro destacou tal direção na ficção em pauta, é tido como fundador da fecunda linha de investigação teórico-crítica denominada sócio-histórica, fundamental para o conhecimento do escritor. Contudo, o que pretendemos demonstrar é o seu pioneirismo na crítica do autor de *Primeiras histórias* também em várias outras direções, pois o exame de escritos candidianos sobre Rosa revela diversos aspectos, aprofundados ou não, retomados por outros especialistas.

A produção de Guimarães Rosa – sobretudo depois da publicação, em 1956, de *Grande sertão: veredas* – despertou a atenção de inúmeros estudiosos nacionais e estrangeiros, tendo acumulado uma fortuna crítica de vasta extensão, das mais diversas vertentes analíticas: sócio-histórica, metafísica, mítica, esotérica, linguística, estilística, semiótica, psicanalítica, cultural, folclorística, cartográfica.

Quanto a Candido, seus ensaios mais importantes sobre o escritor versam sobre o romance rosiano. São eles: “O homem dos avessos” – originalmente publicado como “O sertão e o mundo” na revista *Diálogo*, em 1957 – retomado em *Tese e antítese*, em 1964, e “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, de 1965, publicado em *Vários escritos* em 1970. Há ainda – sem nenhuma pretensão de levantamento exaustivo da crítica candidiana sobre o escritor mineiro – uma resenha, de 1956, no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, cujo título é “No Grande sertão” (CANDIDO, 2002) e, de acordo com Pablo Rocca (2018, p. 21), há também o texto intitulado “Ser jagunço em Guimarães Rosa” encontrado na *Revista Iberoamericana de Literatura*, de Montevidéu, em 1970. No entanto, antes dos escritos sobre *Grande sertão: veredas*, o autor de *Literatura e sociedade*, já havia, em 1946, editado uma resenha de *Sagarana* n’*O Jornal* do Rio de Janeiro. Esta resenha e a outra, “No Grande Sertão”, foram publicadas novamente em *Textos de intervenção* (CANDIDO, 2002). Além disso, há uma curta entrevista que, em 2006, o crítico concedeu ao *Jornal da USP*, nomeada “O super-realismo de Guimarães Rosa”.

Obra-prima e universalidade

Centramos nossa investigação no ensaio mais conhecido de Candido (1971) no que se refere ao autor de *Tutameia*, “O homem dos avessos”, em que, a nosso ver, estão reunidos os conceitos fundadores da crítica rosiana e não apenas aqueles relativos à abordagem histórico-sociológica, mas também à metafísica, à mitológica, à linguística, à estilística, à psicanalítica entre outras. Naturalmente, tomamos elementos de outros escritos, em especial, de “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa” (CANDIDO, 1970).

Na resenha do Suplemento Literário de 1956, o crítico escreve sobre o recém-lançado *Grande sertão: veredas*:

Este romance é *uma das obras mais importantes da literatura brasileira* [...]. Não segue modelos, não tem precedentes; nem mesmo, talvez, nos livros anteriores do autor, que, embora de alta qualidade, não apresentam a sua característica fundamental: *transcendência do regional* (cuja riqueza peculiar se mantém todavia intacta) *graças à incorporação em valores universais de humanidade* e tensão criadora. (CANDIDO, 2002, p. 190, grifos nossos).

Junte-se o excerto ao primeiro parágrafo do ensaio de 1957, cristalizado como “O homem dos avessos”: “Na *extraordinária* obra-prima *Grande Sertão: Verdades* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. [...] em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar. (CANDIDO, 1971, p. 121, grifo do autor). Questionado, em 2006, sobre a afirmação de que no livro há de tudo, o crítico esclarece: trata-se de “[...] romance de aventuras, análise da paixão amorosa, retrato original do sertão brasileiro, invenção de um espaço quase mítico, chamada à realidade, fuga da realidade, reflexão sobre o destino do homem, expressão de angústia metafísica, movimento [...] entre real e fantástico e assim por diante.” (CANDIDO, 2006, s/p).

As duas avaliações do romance (“uma das obras mais importantes da literatura brasileira” e “*extraordinária* obra-prima”) constituem, atualmente, lugar-comum. Porém, vale lembrar que o texto de 1956 foi publicado quando o crítico tinha a espinhosa incumbência de avaliar a qualidade de um livro no seu lançamento.

Candido, na entrevista de 2006, diz sobre Guimarães Rosa: “[...] é preciso mencionar a genialidade do autor, que sentimos, mas não somos capazes de definir. Depois vem a sua percepção originalíssima do mundo físico e humano, mas, sobretudo, a extraordinária capacidade de invenção linguística.” Voltando à questão da genialidade, afirma: o escritor “[...] pode ser admirado até o fanatismo [...] mas não o vejo exercendo influência criadora, porque a sua marca é tão peculiar que transforma a influência em servidão.” (CANDIDO, 2006, s/p). Temos nesse aspecto a explicação das considerações anteriores.

Passemos a outra determinação de Candido, intrinsecamente relacionada às mencionadas – a sua universalidade –, salientada já na resenha de 1956. Para ressaltar tal característica, o crítico contrapõe a narrativa de Guimarães Rosa à nossa literatura regionalista (posteriormente, também estabelece tal confronto

em relação ao regionalismo ibero-americano), feita “quase sempre de ‘fora para dentro’”, ocorrendo o contrário no livro de Guimarães Rosa. Do mesmo modo, dez anos antes, em 1946, o crítico saudou *Sagarana* como livro que “[...] *constrói* um certo sabor regional, isto é, em que transcende a região.” (CANDIDO, 2002, p. 185, grifo do autor). E ainda: “*Sagarana* nasceu universal pelo alcance e pela coesão da fatura.” (CANDIDO, 2002, p. 186). Já sobre o romance, tal característica é melhor explicitada:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico – tudo se transformou em *significado universal* graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte [...]. (CANDIDO, 1971, p. 122, grifo nosso)

Aí temos um dos aspectos que compõem a transcendência de *Grande sertão: veredas*, superando o localismo regionalista: a expressão dos grandes temas humanos. Vale lembrar que ainda naquele momento – meados da década de 1950 – o regionalismo era importante em nossa literatura e muitos críticos relacionaram a produção rosiana à regionalista.

Em outros momentos, Candido também se manifestou a propósito do regionalismo. Por exemplo, no tão mencionado ensaio “A literatura e a formação do homem”, de 1972, também publicado em *Textos de intervenção* (CANDIDO, 2002), em que defende “a função humanizadora da literatura”, compara a obra do mineiro a excertos de Coelho Neto e Simões Lopes Neto. Mostra o desacerto do primeiro ao diferenciar fortemente a fala das personagens daquela do narrador e destaca, no segundo, o narrador “que se situa *dentro* da matéria narrada” e diferencia os discursos (CANDIDO, 2002, p. 90) pela estilização do falar regional. O auge desse tratamento encontra-se em Guimarães Rosa, “[...] a cujo propósito seria cabível falar num super-Regionalismo.” (CANDIDO, 2002, p. 87).

É interessante notar que no ensaio da *Revista Iberoamericana de Literatura*, Candido (apud ROCCA, 2018, p. 21, grifo de Rocca) volta a esse ponto – a transcendência –, mas o caracteriza como super-realismo: no romance rosiano,

[...] o quadro local e sua cor [...] servem de veículo para dramatizar aspectos que não são próprios de um determinado tipo de homem brasileiro do sertão de Minas Gerais; mas formam a textura da alma de todos os homens. *Este livro baseado na documentação mais real, atira prolongamentos para uma esfera super-real [...]*.

O sertão, invenção rosiana

Aos aspectos levantados sobre a posição do crítico a propósito do escritor, adicionamos um terceiro, a ideia de invenção, reiterada em “O homem dos avessos” e em outros textos. Veja-se o excerto da resenha do romance de 1956:

O autor *inventa*, como se, havendo descoberto as leis mentais e sociais do mundo que descreve, fundisse num grande bloco um idioma e situações artificiais, embora regidos por acontecimentos e princípios expressionais potencialmente contidos no que registrou e sentiu. Sob esse aspecto, ao mesmo tempo de *anotação e construção*, lembra os compositores que infundiram o espírito dos ritmos e melodias populares numa obra da mais requintada fatura [...]. (CANDIDO, 2002, p. 191, grifo do autor).

Notem o destaque em “*inventa*”. No ensaio de *Tese e antítese*, temos: “é deslumbrante essa navegação no mar alto, esse jorro de *imaginação criadora* na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia.” (CANDIDO, 1971, p. 121, grifo nosso).

Como se pode perceber nas citações, as características levantadas são convergentes como tem que ser, ou seja, obra-prima, das maiores do país, genialidade, universalidade, invenção. Esse último aspecto, a invenção, é várias vezes mencionado nos escritos candidianos, mas queremos chamar a atenção sobre dois momentos, ambos de “O homem dos avessos”. No citado primeiro parágrafo, o crítico menciona, como marca do escritor, a “capacidade de inventar” (CANDIDO, 1971, p. 121). Na página subsequente, expressa o aspecto por meio do qual a transformação do documento, da observação, da paixão pelas coisas e seus nomes leva à universalidade: a invenção.

Em seguida, ao aproximar *Grande sertão: veredas* de *Os sertões*, salienta a invenção do primeiro. Começa por lembrar que, no segundo, a presença do meio é “obsessiva”, dele dependendo os habitantes, o que leva ao conflito entre eles.

Mas [diz o crítico] a analogia para aí; não só porque a atitude euclidiana é constatar para explicar, e a de Guimarães Rosa *inventar para sugerir*, como por que a marcha de Euclides é lógica e sucessiva, enquanto a dele é uma trança constante dos três elementos [...] levando [...] à suspensão que marca a verdadeira obra de arte, e permite a sua ressonância na imaginação e na sensibilidade. (CANDIDO, 1971, p. 123, grifo nosso).

Seguindo Euclides, o autor de *Formação da literatura brasileira* divide seu texto em três partes: “A terra”, “O homem” e “O problema”, que substitui “A luta” de *Os sertões*. Para o ensaísta, claro está, a noção de luta – visível no romance mesmo no sentido denotativo – não incluiria toda a complexidade nela encerrada. Justamente nesse último item, encontra-se a indicação do “intuito” rosiano: “o angustiado debate sobre a conduta e os valores que a escoltam” (CANDIDO, 1971, p135), ou seja, o embate entre o sertanejo e o meio físico e social é a base para tratar dos valores que guiam o nosso comportamento.

Em “A terra”, lembra que o meio é “uma realidade envolvente e bizarra”, “a paisagem, rude e bela, é de um encanto extraordinário”. Mas, tudo isso serve “de quadro à concepção do mundo e de suporte ao universo inventado” (CANDIDO, 1971, p. 123). Importam, portanto, o sentido universal e a invenção.

Detectamos a noção de invenção em quatro aspectos referentes a: o espaço físico e social, às personagens, à história e à construção linguística, ou seja, o sertão, o homem-jagunço, o possível pacto, a linguagem.

Diz-nos Candido (1971, p. 124) que o sertão é,

[...] a realidade tangível desse Norte de Minas, estendido até o Piauí [...]. Dobrados sobre o mapa, somos capazes de identificar a maioria dos topônimos e o risco aproximado das cavalgadas. O mundo de Guimarães Rosa parece esgotar-se na observação.

Cautela, todavia. [...] o mapa se desarticula e foge [...] certos pontos decisivos só parecem existir como invenções [...] a flora e a topografia obedecem frequentemente a necessidades da composição [...].

Desdobremos bem o mapa. Como um largo couro de boi, o Norte de Minas se alastra, cortado no fio do lombo pelo São Francisco, – acidente físico e realidade mágica, curso d'água e deus fluvial, eixo do Sertão.

Aí temos – literariamente exposto – o que se tornou lugar-comum na crítica rosiana: os lugares nem sempre são geograficamente determinados e o São Francisco “divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo. Carregados do sentido mágico-simbólico que esta divisão representa para a mentalidade primitiva.” (CANDIDO, 1971, p. 124). A retomada do universo mítico é parte da invenção rosiana e o crítico chama a atenção para isso:

Nas águas do Rio, eixo líquido, dá-se o encontro com o Menino, com Diadorim menino, que marcaria toda a vida do narrador [...]. Simbolicamente, eles vão e vêm de uma a outra margem cruzando e tocando as duas metades qualitativas do Sertão, do Mundo, pois Diadorim é uma experiência reversível que une fasto e nefasto, lícito e ilícito, sendo ele próprio duplo na sua condição.

Essa heterolateralidade [...] mostra a *coexistência do real e do fantástico, amalgamados na invenção* e, as mais das vezes, dificilmente separáveis. (CANDIDO, 1971, p. 125, grifo nosso).

Citando trecho do romance, o autor de *O discurso e a cidade*, demonstra que a variação do mundo físico tem a ver com o “estado moral do homem”: “[...] sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar’. – Sertão não é malino nem caridoso, [...] ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo.” (ROSA apud CANDIDO, 1971, p. 126).

No item referente ao homem, temos a explanação da dependência do sertanejo ao meio físico e social. O trecho do autor de *Tutameia* acerca disso, destacado pelo crítico – e por tantos outros estudiosos – diz: “Lugar sertão que se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive o seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade’” (ROSA apud CANDIDO, 1971, p. 127).

A ausência de autoridade no sertão é um dos fundamentos esclarecedores da condição do homem que o habita – e de todos nós –, o que determina o conhe-

cido refrão do romance –“Viver é muito perigoso.” Tal condição faz “da vida uma cartada permanente”, vivida em “fio-de-navalha”.

Mas, no item em pauta, o homem é o jagunço que, na visão candidiana, representa o habitante do sertão e a humanidade de modo geral. O estudo do jagunço é completado com o ensaio posterior, “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, em que, com o “O homem dos avessos”, nasce e se desenvolve a linha histórico-sociológica da crítica rosiana.

O fundamento de tal vertente obviamente é o exame das relações históricas, sociais e políticas do Brasil, recriadas no romance, que têm o jaguncismo como fato e símbolo. Sabiamente, para definir esse “sistema”, o crítico toma a fala de uma personagem, Zé Bebelo, que queria sanear o sertão, acabando com a jagunçagem, “a sobre-corja”, antes de tornar-se jagunço e chefe de jagunço: sem ela, não se veria “o chefe encomendar para as eleições as turmas sacripantes, desentrandando da justiça, só para tudo destruírem, do civilizado e do legal!” (ROSA apud CANDIDO, 1971, p. 127).

O modo de vida possível nesse espaço é assim explicitado:

[...] o indivíduo avulta e determina: manda ou é mandado, mata ou é morto. O Sertão transforma em jagunços os homens livres, que repudiam a canga e se redimem porque pagam com a vida, jogada a cada instante. Raros são apenas bandidos, e cada um chega pelos caminhos mais diversos. [...].

Assim, o Sertão faz o homem. (CANDIDO, 1971, p. 128).

Examinando com acuidade a representação do jagunço e sua relação com as condições histórico-políticas e sociais do sertão, o crítico vai nos apontando a invenção rosiana. Assim, como no caso do meio físico, há “[...] duas humanidades que se comunicam livremente, pois os jagunços são e não são reais. Sobre o fato concreto e verificável da jagunçagem, elabora-se um romance de Cavalaria [...]”, o que, como lembra Candido (1971, p. 129), foi estudado por Cavalcanti Proença, outro pioneiro na crítica de *Grande sertão: veredas*.

O autor de *Literatura e sociedade* relaciona as afinidades entre a cavalaria e o jaguncismo rosiano, visto que “o paladino foi a única possibilidade de ‘consertar’ um mundo sem lei. Daí possuírem ambos uma ética peculiar, corporativa, que obriga em relação ao grupo mas liberta em relação à sociedade geral.” (CANDIDO, 1971, p. 129). Os pontos de semelhança são “as batalhas e os duelos, os ritos

e práticas, a dama inspiradora, Otacília, no seu retiro, e até o travestimento de Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins no guerreiro Reinaldo (nome cavaleiresco entre todos), filha que era de um paladino sem filhos [...]”. É a reencarnação da donzela guerreira Bradamante de *Orlando furioso* que, como Diadorim, sofre pelo ciúme de Rogério e mata Rodomonte. Do mesmo modo, como Diadorim, Clorinda, de *Jerusalém libertada*, “morre em combate e a sua identidade é descoberta” (CANDIDO, 1971, p. 130).

O mais importante, a nosso ver, nas semelhanças destacadas entre jagunços e cavaleiros, é que resultam de “[...] uma sociedade sem poder central forte, baseada, como a do Sertão, na competição dos grupos rurais [...]” (CANDIDO, 1971, p. 130), pois os castelões também realizavam “a extorsão e o saque” e distinguiram amigos e inimigos.

Entre os jagunços, tem-se ainda a obediência à norma fundamental da cavalaria, a lealdade, e “a carreira das armas tem significado algo transcendente” (CANDIDO, 1971, p. 130). Riobaldo, como os paladinos Roldão e Tristão, é filho ilegítimo, passa à condição comparada à de escudeiro, é depois alçado a cavaleiro quando Joca Ramiro entrega a ele o rifle até alcançar a chefia.

Tais considerações sobre a relação entre o romance rosiano e a cavalaria estão em “O homem dos avessos”. Mas, o desenvolvimento do exame do jaguncismo está em “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, em cujo início lemos:

A violência habitual como forma de comportamento ou meio de vida, ocorre no Brasil através de diversos tipos sociais, de que o mais conhecido é o cangaceiro da região nordestina [...]. Mas o valentão armado, atuando isoladamente ou em bando, é fenômeno geral de todas as áreas onde a pressão da lei não se faz sentir e onde a ordem privada desempenha funções que em princípio caberiam ao poder público. (CANDIDO, 1970, p. 135).

O ensaísta lembra então que Minas Gerais é dos nossos estados “o mais diversificado” pelas fronteiras com outros, constituiu mais cedo centros urbanos e apresentou, desde o século XVIII, “muitos tipos de banditismo e violência endêmica”. Decorre de tais circunstâncias, o *Vila Rica* de Cláudio Manuel da Costa, “que é no fundo a primeira descrição dos bandos de jagunços e seus conflitos, às ordens de mandões [...]” (CANDIDO, 1970, p. 136).

O crítico examina outros livros que tratam de mandonismo e jaguncismo e conclui: “no mundo da violência, então como agora, há pouca variação de método entre transgressores e defensores da lei [...] o indivíduo de prestígio, armado e acolitado, pode representar uma forma primária de controle, adaptada às regiões sem peia e às épocas de formação.” (CANDIDO, 1970, p. 138). A propósito do termo jaguncismo, afirma haver “flutuação” no seu significado, mas tal sistema relaciona-se “à ideia de prestação de serviço, de mandante e mandatário, sendo típica nas situações de luta política, disputa de famílias ou grupos.” (CANDIDO, 1970, p. 141).

Ainda no ensaio de *Vários escritos*, contrapõe *Chapadão do Bugre* de Mário Palmério, com sua “visão realista e pitoresca do jaguncismo”, a *Grande sertão: veredas* em que, dado o princípio de reversibilidade (tratado em “O homem dos avessos”), “assim como a geografia desliza para o símbolo e o mistério, [...] o jagunço oscila entre o cavaleiro e o bandido, tudo se unindo no fecho de abóbada que é a mulher-homem Diadorim [...]. (CANDIDO, 1971, p. 146-147).

Também de “O homem dos avessos”, o autor de *Literatura e sociedade* retoma a consideração de que o motivo para a entrada na jagunçagem é bastante variado, lembrando as diferentes origens de alguns chefes, como Joca Ramiro, “rico e político, ou Medeiro Vaz, fazendeiro de família antiga que, ante a desordem e a brutalidade do sertão, queimou sua casa”, juntou armas e “gente corajada” e entrou na jagunçagem “para impor justiça” (CANDIDO, 1970, p. 148). Essa personagem toma “a condição de jagunço como forma de viver, como forma de conceber a vida perigosa que pode ser uma busca dos valores, do bem e do mal no sertão.” (CANDIDO, 1970, p.149).

Portanto, no sertão rosiano, “o jaguncismo pode ser uma forma de estabelecer e fazer observar normas, o que torna o jagunço um tipo especial de homem violento e, por um lado, o afasta do bandido.” O “versátil Zé Bebelo”, o melhor exemplo, queria limpar o sertão do janguncismo, acaba virando jagunço e, de novo fazendeiro, quer entrar para a política com os votos dos “brabos cabras” de Joca Ramiro (CANDIDO, 1970, p. 148).

O autor de *Vários escritos* lembra que a matriz do jagunço rosiano está no conto de *Sagarana*, “A hora e vez de Augusto Matraga”, cujo título refere-se ao final da história, quando, por meio da violência que, a duras penas, vinha cerceando, o protagonista assassina Joãozinho Bem-Bem no duelo em que ele também morre e sua atuação “se torna milagrosamente ato de redenção do

egoísmo e dádiva de si mesmo.” (CANDIDO, 1970, p. 152). Como nhô Augusto defende a família de um jovem que matara um membro do grupo de jagunços e “toma as armas do jagunço assassinado”, coloca-se contra o jaguncismo. No romance, Riobaldo, como chefe, acabou com os “hermógenes” e todo bando se desfez. Portanto, “Ser jagunço torna-se [...] uma opção de comportamento, definindo um certo modo de ser naquele espaço. Daí a violência produzir resultados diferentes dos que esperamos na dimensão documentária e sociológica [...]” (CANDIDO, 1970, p. 153).

Além disso, do mesmo modo que nhô Augusto muda seu modo de ser em busca de redenção, Riobaldo só vence o grupo de traidores tendo passado por uma mudança de personalidade com o possível pacto com o diabo. Como essa tentativa decorre de “uma construção da personalidade no mundo-sertão”, havendo “o enxerto de um jagunço simbólico no jagunço comum”, a dimensão universal é contemplada (CANDIDO, 1970, p.153).

Riobaldo, no seu “jaguncismo peculiar”, com e pelo pacto, faz “o bem através do mal, nutrindo com as operações do ódio um amor desesperado e imenso.” (ibid., p. 154). Entra no jaguncismo por influência de Diadorim e assume o implacável desejo de vingança pelo assassinato de Joca Ramiro. Ou seja, “Diadorim, andrógino e terrível como os anjos [...] cuja estrutura de ambiguidades é infinita, é por sua vez instrumento, pois o cumprimento do seu desejo significa a instalação de Riobaldo num destino de jagunço que supera o jagunço.” (ibid., p. 154-155).

Ao advertir que é um ex-jagunço que nos conta a própria história – e consequentemente a de seu bando e de Diadorim – o crítico lembra que sua “experiência do mal [...] aguça o sentimento das complicações insolúveis do mundo, da impossibilidade de esclarecê-las. Mas aguça ao mesmo tempo o desejo de ver claro, de lutar contra a ambiguidade [...]”. Todavia, frente a esse “‘mundo à revelia’ [...] muitas vezes é pelo avesso que se chega ao direito [...]” (ibid., p. 158).

Pacto, reversibilidade e ambiguidade

Voltando ao pacto, para Candido (1971, p. 132), ele pode ser correlacionado a “um rito iniciatório” próprio dos romances de cavalaria. Embora esse modo de obtenção de “poderes interiores” possa ser visto como contrário à cavalaria,

cabe a justificativa de estarmos no sertão em que “fenômenos de possessão religiosa, gerando beatos e fanáticos, diferem pouco, na sua natureza e consequência, dos que poderíamos atribuir à possessão demoníaca.” Assim, o ensaísta chama, mais uma vez, a atenção do leitor para o universo representado no romance, o sertão: dado o poder de Hermógenes, só com o poder do diabo Riobaldo poderia vencê-lo.

Além disso, para ele (ibid., p. 132), o “pacto, na encruzilhada das Veredas Mortas, representa um tipo especial de provação iniciatória, um ritual de sentido mágico-religioso” de tal sorte que a “iniciação às avessas” para “assimilar as potências demoníacas”, é feita em “certa atmosfera de opressivo terror, parte, aliás, de muitos ritos de passagem.”

Como sabemos, o diabo não apareceu, de maneira que não se sabe se houve ou não o pacto. Todavia, lembra Candido (1971, p. 133), Riobaldo demonstra “mudança do ser”, ponto fundamental nas iniciações, espécie de renascimento. Torna-se “endurecido, arbitrário, roçando a crueldade”, assume a chefia e o sentimento em relação a Diadorim “desponta com certa agressividade”.

Próprios dos ritos de passagem são outros sinais como a assunção do nome Urutu (cobra venenosíssima) Branco e a aquisição do cavalo Siruiz, com as qualidades daqueles “corcéis encantados”. Ao ver do crítico, em se tratando de um paladino do sertão, sua força “depende da força da terra”, o que demonstra que o “poder recíproco da terra e do homem”, conduz “à ideia de que há em *Grande sertão: veredas*, uma espécie de grande princípio geral de reversibilidade, dando-lhe um caráter fluido e uma misteriosa eficácia.” (ibid., p. 134). A esse princípio estão ligadas “as diversas ambiguidades”: de geografia, do homem que participa da cavalaria e do banditismo, do amor por Otacília, pela prostituta Nhorinhá e, em especial, pela “suprema ambiguidade da mulher-homem que é Diadorim” (ibid., loc. cit.).

Mas há também, acrescentamos, a ambiguidade metafísica, lembrando que, como diz Candido (1971, p. 135), Riobaldo vive entre Deus e o diabo, “entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para chegar ao bem.” Assim,

Estes diversos planos da ambiguidade compõem um deslizamento entre os polos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, – que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser. E todos

se exprimem na ambiguidade inicial e final do estilo, a grande matriz, que é popular e erudito, arcaico e moderno, claro e obscuro, artificial e espontâneo. (ibid., loc. cit.).

Sabidamente detectados por Candido, estão aí dois princípios fundamentais da criação rosiana, essenciais para o seu entendimento, apoio seguro para a crítica posterior: reversibilidade e ambiguidade. Guiado por esses conceitos, o estudioso de Guimarães Rosa tem que considerar que, nele, muita coisa é isto e logo é aquilo, é isto e também aquilo ou é e não é ao mesmo tempo.

O autor de *Educação pela noite* assegura que só entrando “nessa atmosfera reversível” de *Grande sertão: veredas* é que se pode sondar o seu fundo e entrever seu “intuito” fundamental, isto é, o debate relativo ao modo de ser do homem e os valores que o determinam (CANDIDO, 1971, p. 135), que configura o grande problema do livro, o seu tema central.

Retornando ao pacto, citemos, uma vez mais, Antonio Candido (loc. cit.): “Deve-se ainda ao símbolo escolhido para dinamizar a recorrência (o pacto com o demônio), e que representa as caudalosas águas turvas da personalidade.” O demônio, de um lado, é o impulsionador de Riobaldo na chefia; de outro, tomando-se a individualidade do protagonista, ele simboliza a tentação e o mal como para Fausto e Peter Schlemihl (CANDIDO, 1971, p. 136). Desse entendimento, deriva a grande questão que assombra o narrador-protagonista: a existência ou não do diabo. Ele não apareceu, mas é visível a sua mudança “após a noite em que *desejou vê-lo*” (ibid., p. 136, grifo do autor).

Se Diadorim é o “primeiro e decisivo elemento que desloca o narrador do seu centro de gravidade”, outro é o demônio, pois só ele “encarnaria melhor as tensões da alma [...] [e] explicaria mais logicamente certos mistérios inexplicáveis do Sertão.” (ibid., loc. cit.). Diadorim e o demo angustiam o protagonista que, fazendeiro, na companhia de Otacília, “se retira na memória e tenta laboriosamente construir a sabedoria sobre a experiência vivida, porfiando, num esforço comovedor, em descobrir a lógica das coisas e dos sentimentos.” (ibid., p. 139).

Antes de passarmos a outro item referente à invenção, cabe considerar que esse aspecto tem a ver com a transformação da realidade, que o crítico chama de potência e relaciona ao artista que “será tanto mais original quanto mais fundo baixar na pesquisa, trazendo como resultado um mundo e um homem diferentes, compostos de elementos que deformou a partir de modelos reais,

consciente ou inconscientemente propostos [...]”, permitindo-lhe “chegar a *uma realidade em potência*, mais ampla e mais significativa.” O autor de Vários escritos lembra, nessa mesma página de “O homem dos avessos”, que, na rese- nha do romance de 1956, já mencionara o “*caráter de invenção* baseada num ponto de partida em que tudo estivesse no primórdio absoluto, na esfera do *puro potencial*.” (CANDIDO, 1971, p. 122, grifo nosso). Assim sendo, podemos dizer que as noções de imitação aristotélica, de verossimilhança, posteriormen- te de representação, em Candido, correspondem à ideia de potencialidade e, como vemos a seguir, ao super-realismo.

“Super-realismo” e “fatura” em *Grande sertão: veredas*

Juntamos esses dois conceitos do crítico que, de imediato, podem não ter relação direta, mas são estreitamente ligados. A universalidade rosiana, o “su- per-realismo” que lhe permitem ultrapassar o regionalismo, provêm dos temas abordados próprios das grandes questões humanas, mas, derivam ainda do que Candido denomina “fatura”.

Na entrevista de 2006, ele afirma: “Nele [Guimarães Rosa] a palavra é criado- ra por si mesma e transcende a matéria narrada. Por isso *Grande sertão: veredas* transforma o particular da região num universo sem limites, que exprime não apenas o sertanejo, mas o ‘homem humano’[...]” (CANDIDO, 2006, s/p). Nessa mesma oportunidade, retornando ao ensaio “O super-realismo de Guimarães Rosa”, esclarece o termo, pois escritor mineiro

[...] elabora o regional por meio de um experimentalismo que o aproxima do projeto das vanguardas. Nele não há pitoresco ornamental, nem realismo imitativo, nem consciência social e, sobretudo, a dimensão temática é menos importante que a dimensão linguística, que parece criar uma outra realidade, porque a palavra ganha uma espécie de transcendência, como se valesse por si mesma. Quer dizer que ele não apenas sugere o real de um modo nada realista, mas elabora estruturas verbais autônomas. (CANDIDO, 2006, s/p).

As proposições sobre o regionalismo são retomadas de modo mais sistemático em “Literatura e subdesenvolvimento” (CANDIDO, 1987, p.161-162, grifo do autor), em que o divide em três fases, sendo a terceira a “que se poderia (pensando em surrealismo, ou super-realismo) chamar de *super-regionalista*.” Nessa fase, encaixa-se “a obra revolucionária de Guimarães Rosa, solidamente plantada [...] [na] universalidade da região.”

Todavia, e não apenas considerando a superação do regionalismo, mas a natureza da arte literária, diz o crítico: “em literatura o que interessa é a maneira escolhida para abordá-lo [o problema]”: em *Grande sertão: veredas*, “o *tonus* é devido à crispação incessante do narrador em face dos atos e sentimentos vividos, traduzidos pela recorrência dos torneios de expressão, elaborados e reelaborados a cada página em torno das obsessões fundamentais.” (CANDIDO, 1971, p. 135).

Dez anos antes afirmara que a universalidade de *Sagarana* deve-se ao “alcançe” e à “coesão da fatura” e ainda: “A língua parece finalmente ter atingido o ideal da expressão literária regionalista. Densa, vigorosa, foi talhada no veio da linguagem popular e disciplinada dentro das tradições.” (CANDIDO, 2002, p. 186). “Fatura”, portanto, diz respeito à forma, no caso, à linguagem. Ou seja, o crítico considera a importância fundamental da elaboração linguística, que diz respeito à forma.

No caso do romance, Candido (1971, p. 136) assevera também que a construção do mencionado “intuito”, dá-se pelo discurso narrativo, pelos componentes que o estruturam. Menciona mesmo os neologismos rosianos, lembrando uma palavra que o escritor inventou “para sugerir, conforme os seus processos lexicogênicos [...] um sortilégio sobrenatural: ‘Sobrelegio?’”.

No que se refere mais amplamente ao discurso de *Grande sertão: veredas*, Candido (1971, p. 135) lembra a ambiguidade do “estilo, a grande matriz, que é popular e erudito, arcaico e moderno, claro e obscuro, artificial e espontâneo.” Essa característica é depois também explorada por estudiosos.

Porém, o crítico trata ainda de outro elemento estrutural, intimamente relacionado ao ato de narrar, ao narrador, que é o foco narrativo ou a focalização (sem dar-lhe uma denominação específica) – categoria que responde, nas narrativas, à pergunta “Quem vê?”, conforme proposições genettianas. Destaca que Guimarães Rosa urde o problema por meio de um narrador-jagunço, que conta

a vida da própria perspectiva, isto é, de alguém de “dentro”, de um componente do grupo:

[...] ser jagunço e ver como jagunço constitui portanto uma espécie de subterfúgio, ou de malícia do romancista. Subterfúgio para esclarecer o mundo brutal do sertão através da consciência dos próprios agentes da brutalidade; malícia que estabelece um compromisso e quase uma cumplicidade, segundo a qual o leitor esposa a visão do jagunço, porque ela oferece uma chave adequada para entrar no mundo-sertão. (CANDIDO, 1970, p. 157).

Resgatando o que procuramos reunir como sendo as principais descobertas e ideias de Antonio Candido a propósito de *Grande sertão: veredas*, temos: o romance é obra-prima das maiores de nossa literatura, seu caráter é universal, provém de genialidade, é fruto de invenção com apoio na realidade, abarca um espaço e um homem, isto é, o sertão – que é o mundo – e o jagunço – que somos nós –, tendo ainda como principais características a reversibilidade e a ambiguidade, tudo construído por uma forma especial no que diz respeito a categorias como o narrador e a focalização e, sobretudo, à linguagem maravilhosamente arranjada. Esses pontos todos têm sido retomados pela crítica posterior, não apenas no que se refere ao romance, nas diversas vertentes mencionadas. Certamente a obra de Guimarães Rosa não poderia contar, atualmente, com o grau considerável de entendimento, de possibilidade de apreensão e fruição em diferentes dimensões – naturalmente sempre passível de elevação – não fossem a paixão, o talento, a erudição de seu maior crítico, Antonio Candido, cujo pioneirismo na crítica rosiana é determinante e amplo.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Várias escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite* e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987. p. 140-162.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: *Tese e antítese*: ensaios. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. p. 119-139.

CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentações e notas de Vinicius Dantas; comentários de Milton Ohata. São Paulo: Duas Cidades, 2002. (Coleção Espírito Crítico).

CANDIDO, Antonio. O super-realismo de Guimarães Rosa. [maio, 2006]. Entrevistadores: Natalia Engler Prudencio e Paulo Favero. *Jornal da USP*, São Paulo, v. 21, n. 763, 15-21 maio 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp763/pag14.htm>>. Acesso em: 16 out. 2018.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Alegoria e política no sertão rosiano. In: *Ficção e ensaio*: literatura e história no Brasil. 1. reimpr. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 75-95.

ROCCA, Pablo (Org.). *Conversa cortada*: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama. O esboço de um projeto latino-americano (1960-1983). Tradução de Ernani Sso. São Paulo: Edusp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

ROSA, João Guimarães Rosa (entrevista a Günter Lorenz). In: LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina*: panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Fredy de Souza Rodrigues e Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: EPU, 1973. p. 315-356.